

GLOSSÁRIO: UMA LEITURA PARA ALÉM DA TRADUÇÃO; UMA PROPOSTA PARA ALÉM DA DISCIPLINA

Lygia Barbachan de Albuquerque Schmitz¹

RESUMO:

Este texto tem o objetivo de relatar uma experiência acadêmica iniciada na disciplina Literatura Latina: Tradução, que propôs a construção de um glossário de termos latinos, entre seres mitológicos e lugares, encontrados na obra *As Metamorfoses*, de Ovídio, a partir do qual fosse possível aproximar o público leitor da Literatura Clássica. Foram trabalhados conceitos como *paratexto* e *reescritura*, que ampliaram a compreensão acerca do exercício de traduzir – de uma forma geral – e de ler a obra ovidiana – especificamente. A disciplina abriu espaço à participação em um grupo de trabalho durante a VI Semana Acadêmica de Letras e no Projeto de Pesquisa A tradução de *As Metamorfoses* de Ovídio, do *Centrum Inuestigationis Latinitatis*, da Universidade Federal de Santa Catarina, conduzindo, então, à descoberta de uma mitologia ainda muito presente na nossa cultura.

Palavras-chave: Latim; Tradução; Glossário; Paratexto; Reescritura.

Introdução

O autor Publius Ovidius Naso (43 a.C – 17/18 d.C), mais conhecido como Ovídio, enveredou pelo mundo da poesia para narrar, em sua obra *As Metamorfoses*, a gênese dos mares, dos astros, das fontes, das plantas, dos animais etc. Trata-se de um longo poema em versos hexâmetros, distribuído em 15 livros, abrangendo 246 mitos, que explica cronologicamente o mundo, do caos inicial à apoteose de Júlio César em Roma.

Diante de tão aprimorado trabalho, que envolve a apropriação de vários elementos da cultura greco-romana, estudos voltados à Literatura Latina e a áreas contíguas têm dado especial atenção à obra desse autor, como fez a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), através da disciplina Literatura Latina: Tradução, ministrada no primeiro semestre de 2012 no curso de graduação em Letras – Português, por meio do Sistema de Apoio aos Cursos Presenciais (*Moodle*).

¹ Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Acadêmica do curso de Letras – Português da Universidade Federal de Santa Catarina lygialetras@gmail.com

Oferecida como optativa, a disciplina está integrada ao Projeto de Pesquisa A Tradução de *As metamorfoses* de Ovídio, dos professores do *Centrum Inuestigationis Latinitatis*², juntamente a 15 docentes de outras universidades do Brasil, que propõem uma tradução bilíngue da obra *As metamorfoses*, de Ovídio. A disciplina teve como objetivo geral estudar a teoria da tradução de textos, com uma prática dirigida à tradução e à leitura de escritos latinos, e como objetivos específicos reler a obra e elaborar um glossário e um índice remissivo.

Assim, a partir da leitura de *As Metamorfoses*, em versão traduzida de David Jardim Junior (1983), e da construção de um glossário, tendo como apoio a obra na língua original, *i.e.*, no latim, a disciplina não somente nos proporcionou o exercício da *reescritura*, mas, sobretudo, conduziu-nos à descoberta de uma nova passagem rumo ao fantástico espaço da progênie do mundo: a releitura pelo glossário.

1 Publius Ovidius Naso: Ovídio

“Vem conhecer, posteridade, o poeta que fui
De amores ternos, o poeta que ora lês.
Sulmona é minha pátria, que fecundam frescas águas
E que dista da Urbe nove vezes dez milhas.
Lá nasci; para que saibas a época, foi quando
Um mesmo fado tiveram ambos os cônsules.
Se de algo vale, o grau de cavaleiro herdei de antigos
Avós, não de recente favor da fortuna.
Não fui o primeiro rebento; tenho um irmão nascido
Três vezes quatro meses já antes de mim.
[...]
Desde a infância ilustrávamos a mente; fez-nos ir
O pátrio zelo a Roma e aos seus mestres insignes.

² Os responsáveis por esse Núcleo de Pesquisa do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas (DLLV) da UFSC e proponentes do Projeto são: o prof. dr. Mauri Furlan, a prof.^a dr.^a Zilma Gesser Nunes e o prof. dr. José Ernesto de Vargas. O projeto conta ainda com a colaboração da prof.^a m.^a Thaís Fernandes (DLLV), da prof.^a dr.^a Elisana De Carli (Departamento de Artes e Libras), e da aluna do curso de Letras – Português Lygia Barbachan de Albuquerque Schmitz.

Com seu ardor de jovem, meu irmão tinha nascido
Para a eloquência, as pugnias verbosas do foro.
Mas a mim, criança ainda, atraíam os mistérios
Do céu e, às escondidas, a obra das Musas.
Meu pai dizia: ‘Por que tentas um estudo vão?
O próprio Homero não deixou riqueza alguma’.
Tal fala me tocou; larguei o Helicão de vez
E tentei escrever palavras sem cadência:
Por si mesma, vinha a cadência certa do poema;
Saía em verso quanto eu buscasse dizer.
(OVÍDIO)

Publius Ovidius Naso , ou simplesmente Ovídio, nos conta um pouco a seu respeito em um de seus poemas, “Tristia”. O poeta latino, que nasceu em Sulmona, teria herdado de seus avós o grau de cavaleiro, teria tido um irmão;, e, desde cedo, teria sido atraído pelos mistérios do mundo.

Segundo o tradutor David Jardim Junior (1983), Ovídio exerceu, em Roma, cargos públicos que o tornaram, já aí, reconhecidamente brilhante, além de ter servido aos projetos políticos do imperador Augusto (em latim, Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus³). Contudo, foram suas obras, entre as quais elegias, cartas e poemas – *As Heroides*; *Amores*; a trilogia *A Arte de Amar*, *Os Remédios do Amor* e *Produtos de Beleza*; *As Metamorfoses*; *Fastos*; *Cantos Tristes*; *Cartas Pônticas*; e *Haliêutica* –, que o tornaram celebridade, suscitando, até os dias de hoje, interesse por parte de estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento (Letras, Artes Plásticas, Cinema e História, dentre outras).

Desse modo, a UFSC, uma das integrantes do rol de universidades brasileiras interessadas na tradução das Letras Clássicas, propôs a tradução de *As Metamorfoses*, de Ovídio, a partir de uma instigante prática de *verbetizar* seus elementos míticos,

³ Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus ou Caio Júlio César Otaviano Augusto (63 a.C – 14 d.C) foi o primeiro imperador romano. Filho adotivo e herdeiro de Júlio César, se tornou o soberano de Roma com maior tempo de mandato (44 anos). Augusto financiou os poetas Ovídio, Virgílio e Horácio, o historiador Tito Lívio e o arquiteto Vitruvius, e sua época ficou “conhecida como o ‘período áureo’ da poesia latina, o momento em que desabrocharam, em sua plenitude, os gêneros épico e lírico.” (CARDOSO, 1989: 70).

narrativos e líricos, com base na tradução de Jardim Junior (1983) e na obra original, na versão de Hugo Magnus.

A metodologia proposta pela disciplina Literatura Latina: Tradução segue o mesmo caminho de Jardim Junior ou de Paulo Leminski⁴ – quando pensamos na liberdade de criação dos verbetes, realizada com base em um texto recriado, traído em sua forma –, aproximando-se, em contrapartida, do estilo acadêmico – quando nos é dada a possibilidade de, por meio do original, perceber os vocábulos que estamos a *verbetizar* e suas declinações, exercitando a busca no dicionário bilíngue, tateando palavras sinônimas, diferentes daquelas encontradas na versão traduzida etc.

2 *Metamorphoses*

Diante das diversas interrogações ainda suscitadas acerca da origem do mundo e acerca dos seres nos tempos hodiernos, buscamos na leitura de mitos, lendas, fábulas e contos de fadas, dentre outras histórias fantásticas, um acalento para angústia trazida por nossas incertezas.

Nesse sentido, *Metamorphoses* ou *As Metamorfoses*, obra ovidiana de maior expressão, tem sido bastante profícua. Em seus 246 mitos, *As Metamorfoses* traz(em) um mundo no qual os deuses celestes (imortais) e os homens romanos (mortais) convivem em limites imprecisos. São múltiplas as vozes, os espaços e os personagens; imagens e lendas são sobrepostas, numa verdadeira teia de paixões, amores, sofrimentos, guerras, provações e, principalmente, *metamorfoses*.

Essa obra ovidiana mostra a face da Antiguidade Clássica frente ao mundo, aos seres, às coisas. Demonstra-nos um modo de pensar, de agir, de contar histórias e, por meio delas, criar novas. O livro do escritor latino é, pois, reflexo de um tempo que perpassa os tempos que o antecedem – a própria origem do mundo e das coisas e a herança dos mitos gregos –, chegando a nós, num tempo futuro, porque a riqueza contida nele, os seus aspectos líricos e a plasticidade da narrativa – tão bem observada

⁴ “Leminski cria ser a tradução a alternativa de transformar o texto em algo (ainda) mais rico, mais raro, mais forte, mais radioativo. Cria, também, ser a tradução apenas pelo sentido – amparada, aliás, em pesada tradição – a pior das traições.” (FERREIRA, 2013:98). Disponível em: <<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/mais-algumas-palavras-sobre-leminski-tradutor/>>. Acesso em: ago. 2013.

por Cardoso (1989) –, promovem sua infinita repercussão, tornando-o, portanto, clássico:

“Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)”. (CALVINO, 1993: 11).

A supracitada justificativa, dada por Calvino, de que a obra de Ovídio é um clássico, pode ser ratificada quando pensamos nas várias expressões artísticas com que *As Metamorfoses* ovidianas dialogam, influenciando direta ou indiretamente outras culturas ao longo de tantos séculos. Citando apenas alguns exemplos, no que tange à pintura, temos: *O Rapto de Dejanira*, de Antonio del Pollaiolo (1470); *Ulisses e Penélope*, de Francesco Primaticcio (1563); *The Punishment of Midas*, de Hendrick De Clerck (1620); *Deucalião e Pirra*, de Giovanni Maria Bottala (1635); *A Morte de Jacinto*, de Jean Broc (1801); *Eco e Narciso*, de John William Waterhouse (1903); e *As Heliades*, de Paul Reid (2002). Já em relação às esculturas, podemos citar: *O Rapto de Prosérpina* e *Apolo e Dafne*, ambos de Gian Lorenzo Bernini (1621; 1625); e *A Morte de Hipólito*, de Jean-Baptiste Lemoyne (1715).

Tais manifestações artísticas são, por sua vez, também uma forma de mostrar um tempo e uma cultura frente ao mundo, aos seres e às coisas e, principalmente, de recontar uma história herdada de outra cultura, às vezes, muito distante espacial e temporalmente daquela, deixando para a posteridade um novo (ou velho) modo de pensar, de agir, de também contar histórias e, por meio delas, criar novas.

Assim, quando vemos um quadro tão belo como o *Phaéton on the Chariot of Apollo*, de Nicolas Bertin (1720), e acessamos o mito de “Faetonte”, da obra *As Metamorfoses*, de Ovídio, ficamos verdadeiramente encantados com sua riqueza de cores e detalhes, mas tudo é um tanto confuso: há muitos traços pincelados no quadro, há incríveis detalhes traduzidos em palavras e não há limites precisos do firmamento, mostrando que, em ambos, o espaço é mesmo *diegético*, *i.e.*, é um espaço que existe dentro da narrativa e dentro da moldura – cada qual com suas particularidades, limites e

coerências, determinados por seus respectivos autores. Desse modo, cada qual, à sua maneira, conta o mito de um pai que, atendendo ao pedido do filho, cede à imprudência (própria da idade) deste. O pai assiste, com isso, ao declínio de seu imaturo filho, que, sem encontrar limites aos seus próprios pedidos, arde em chamas quando o carro da vida vai desgovernado, queimando tudo o que está ao redor, parando apenas quando a morte o detém.

É por meio dessas diferentes comunicações que podemos perceber, portanto, a *intertextualidade*, i.e., a relação entre as diversas expressões artísticas, quando estabelecidos o diálogo, o encontro e o confronto entre elas, de modo que uma permite acessar a outra, promovendo decifrações, aguçando investigações, suscitando perguntas e respostas, fazendo com que diferentes culturas e tempos possam ser, de alguma maneira, conhecidos. Uma se torna, pois, *paratexto* da outra.

3 *Inter e Paratextualidade: A Transcendência Textual*

A intertextualidade pode, então, conduzir o leitor (entendido aqui como aquele que tem acesso às obras, ainda que não literárias, como as artes plásticas) ao conceito de *paratextualidade*, que ocorre quando um elemento aparece como recurso imagético ou verbal para invocar o leitor, ampliando a sua compreensão sobre a obra, facilitando o desvendamento do texto e ativando sua atenção e sua memória pré-construídas:

“A palavra paratexto é composta do prefixo grego *para*, que designa, semanticamente, uma modificação da palavra texto. Conforme a etimologia de origem, tal prefixo indica, desde logo, algo que se coloca perto de, ao lado de; pode ser usado para exprimir a ideia de tempo, duração. Algo que acontece paralelamente a outra coisa. Ao compor a nova palavra, portanto, sinaliza uma organização textual que se coloca ao lado de uma outra, com a qual mantém uma relação direta, não de dependência, mas de continuidade.” (ARAÚJO, 2010: 1).

Assim, voltando ao exemplo do mito de “Faetonte” e da pintura *Phaéton on the Chariot of Apollo*, de Nicolas Bertim, podemos afirmar que um se aproxima do outro,

mas a existência de ambos é independente, isto é, um pode dar continuidade ao outro, expandindo a compreensão daquele que os acessa sem que, contudo, um necessite do outro para construir sentidos, ou mesmo para se constituir como obra de arte.

A partir disso, podemos entender a paratextualidade como a transcendência do texto, pois ela permite a apresentação e a presentificação, e, por conseguinte, a recepção do texto, funcionando como meio de passagem para o leitor acessá-lo. Não importa a ordem dos elementos que dialogam entre si, mas, como nosso objeto de estudo é o texto ovidiano, podemos dizer que o quadro de Bertim é um elemento paratextual de *As Metamorfoses* de Ovídio, promovendo a recepção desta, tornando-a presente no decorrer dos tempos, o que amplia a sua compreensão.

São considerados elementos paratextuais:

“Título, subtítulos, intertítulos; prefácios, preâmbulos, apresentação, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim; epígrafes; ilustrações; dedicatórias, tira, jaqueta [cobertura], e vários outros tipos de sinais acessórios, [...], que propiciam ao texto um encontro (variável) e às vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor mais purista e o menos inclinado à erudição externa nem sempre pode dispor tão facilmente quanto ele gostaria e pretende.” (ARAÚJO, 2010: 2).

Desse modo, podemos perceber que o tradutor David Jardim Junior (1983) se valeu de vários elementos paratextuais, a fim de ampliar a dimensão comunicacional do texto latino. Quando o tradutor dá informações acerca de Ovídio em “O autor”, ou fala de algumas das obras ovidianas em “A obra”, quer ele impressionar o leitor, instigá-lo a ler aquela que ele chamou de “uma das mais significativas da Literatura de Roma Antiga” (1983: 9). Além desses paratextos, o tradutor utilizou-se também de notas, que ora explicavam alguns termos latinos, como nomes de personagens, de locais ou acidentes geográficos, ora advertiam sobre a restrição de sua própria tradução, mostrando como os versos ovidianos se encontravam no original. Ademais, resgatou algumas obras artísticas para estabelecer um diálogo com elas, enriquecendo, assim, a

percepção do leitor acerca do mundo mitológico apropriado por outras culturas. Dessa forma, o tradutor nos fez transcender ao texto traduzido e ao texto original.

4 O Glossário

O glossário pode ser acrescido ao rol de elementos paratextuais supracitado, pois serve como o limite entre o dentro e o fora, entre o conhecido e o estranho/novo a que o texto remete. Noutras palavras, ele expande os limites da leitura, abrindo-a, permitindo que o texto seja “[...] escrito eternamente *aqui e agora*” (BARTHES, 2004: 3), porque “um texto é feito de escritas múltiplas, saídas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação” (BARTHES, 2004: 4).

Nesse ínterim, na disciplina Literatura Latina: Tradução foi construído um glossário de termos latinos, como nomes de personagens, lugares, ventos, epítetos e outros vocábulos, encontrados na obra *As Metamorfoses*, que necessitem de esclarecimentos. O objetivo desse projeto foi promover uma aproximação do leitor, graduando de Letras e de áreas afins, ou mesmo de outros interessados, a esse clássico, a que Ítalo Calvino (1993) assim chamou por sua “contiguidade universal”, entendendo que sua leitura se faz importante para a formação cultural em qualquer instância do conhecimento, já que nela é possível percebermos quão vasto é o legado que a Antiguidade Clássica deixou ao mundo contemporâneo.

Assim, a tradução foi mesmo pensada como “a produção de uma réplica através da diferença, do deslocamento, da substituição e da apropriação cultural ou canônica” (FURLAN, 2002: 16). Dessa forma, ao deslocarmos um termo (nome de personagem, cidade, acidente geográfico, elemento da natureza, expressão etc.) do texto traduzido, construindo um verbete a partir também do texto original e de dicionários bilíngues (latim-português, latim-inglês), vamos desfazendo a teia construída por Ovídio – com seus limites imprecisos, com seus personagens de múltiplos nomes e de linhagens tão confusas, com seus mitos tão entrelaçados –, apropriando-nos ainda das pistas (paratextos) deixadas pelo tradutor David Jardim Junior (1983).

Portanto, a partir desse exercício, podemos nos deslocar pelas 246 lendas ovidianas de modo não linear, porque a própria obra, de certa forma, não o é. Podemos nos deleitar com as várias histórias de uma só personagem, se assim o quisermos,

traçando seus perfis psicológico e físico, conhecendo sua ascendência e descendência. Podemos, também, aproximar fronteiras geográficas, porque, no emaranhado de rios, montes e bosques, nos perdemos, e o glossário, como paratexto, é mesmo nossa bússola e nosso mapa. Podemos, por fim, ver quantos seres e divindades povoaram a cultura greco-romana e ainda povoam nossas mentes e nosso cotidiano, como as nossas constelações, a Ursa Maior e a Ursa Menor (dentre outras), as cores do nosso arco-íris, os nossos jacintos, os nossos Narcisos, o nosso Eco, porque somos mesmo o eco daquela cultura.

5 Desdobramentos da Disciplina

O trabalho promovido pela disciplina Literatura Latina: Tradução, além de muito instigante, proporcionou outras vivências acadêmicas, que vieram a complementar minha formação. Exemplos disso foram a participação num grupo de trabalho (GT), em 2012, e num Projeto de Pesquisa, ainda em vigor na presente data.

O GT Construindo um Glossário para Ler *As Metamorfoses* de Ovídio, sob a coordenação da professora Zilma Gesser Nunes, integrou a programação da VI Semana Acadêmica de Letras da UFSC, em 2012, e contou, ainda, com a participação da professora Thaís Fernandes e das graduandas Gilmarina Signorini Subtski e Juliana da Rosa. O objetivo do grupo foi dar uma amostra do trabalho desenvolvido na disciplina Literatura Latina: Tradução.

Por sua vez, o Projeto de Pesquisa Tradução e Edição Bilíngue de *As Metamorfoses* de Ovídio, sob a coordenação do *Centrum Inuestigationis Latinitatis* (DLLV/UFSC) em parceria com outras universidades do Brasil, objetiva a publicação de uma tradução conjunta que “[...] visa não a uma homogeneização, mas à preservação da individualidade de cada tradutor. Isso pode ainda constituir o lado lúdico e instigador do projeto: a cada livro a própria escrita de Ovídio se metamorfoseia na recriação de cada tradutor.” (*Centrum Inuestigationis Latinitatis*). Acompanharão a tradução, a fim de ampliar o universo de leitura da obra, um estudo introdutório, um glossário e um índice onomástico remissivo, sendo que os dois últimos ficaram a cargo da professora Thaís Fernandes e das alunas Lygia Barbachan e Juliana da Rosa e se encontram, na presente data, em processo de finalização.

Conclusão

Este trabalho teve o objetivo de mostrar como a construção de um glossário da obra *As Metamorfoses*, de Ovídio, promoveu uma leitura para além da tradução, porque ampliou as concepções de leitura e de tradução, por meio de uma prática de reescritura, ou seja, de recriar subjetivamente aquela narrativa.

Além disso, este texto quis demonstrar como uma disciplina optativa, neste caso Literatura Latina: Tradução, pôde ampliar a experiência acadêmica, desdobrando-se em um grupo de trabalho durante a VI Semana Acadêmica de Letras e em um Projeto de Pesquisa, tão profícuos para minha formação cultural e para minha graduação. Dito de outra forma, a experiência da construção do glossário foi uma proposta para além da disciplina.

Por fim, ficam os convites à leitura da obra *As Metamorfoses*, de Publius Ovidius Naso, por ser entendida como “uma das mais significativas da Literatura de Roma Antiga”, como aponta Jardim Junior (1983), já que nela é possível percebermos quão vasto é o legado que a Antiguidade Clássica deixou ao mundo contemporâneo; e à leitura do glossário, pois este é, sem dúvida, um ótimo caminho para ler esse clássico na íntegra – e mesmo outros clássicos! Ler Ovídio por meio do glossário é uma forma de se deleitar, de modo diverso do usual, no fantástico descobrimento multicultural dos nossos próprios mitos e de nossas verdades – o que nos leva ao descobrimento de nós mesmos.

Referências

BARTHES, R. A Morte do Autor. In: _____. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Disponível em: <http://www.artesplasticas.art.br/guignard/disciplinas/critica_1/A_morte_do_autor_barthes.pdf>. Acesso em: Ago,2011.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CARDOSO, Z. de A. **A literatura latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

Centrum Inuestigationis Latinitatis. Disponível em: <<http://www.nucleodelatim.ufsc.br/>>. Acesso em: ago. 2013.

FERREIRA, E. Mais algumas palavras sobre Leminski tradutor. *Rascunho: o jornal de literatura do Brasil*, Curitiba, ed. 158, jun. 2013. Seção Translato. Disponível em: <<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/mais-algumas-palavras-sobre-leminski-tradutor/>>. Acesso em: ago. 2013.

FURLAN, M. Brevíssima História da Teoria da Tradução no Ocidente – Os Romanos. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. VIII, p. 11-28, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5881/5561>>. Acesso em: mar. 2012.

ARAÚJO, R. da C. De Textos e de Paratextos. GENETTE, G. Palimpsestes. La littérature au second degré. Paris: Seuil. 1982. *Palimpsesto*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 10, Resenhas (1), 2010. Resenha. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num10/resenhas/palimpsesto10_resenhas01.pdf>. Acesso em: mar. 2013.

OVID. **Metamorphoseon Libri XV**: lactanti placidi qui dicitur narrationes fabularum Ovidianarum. Versão de Hugo Magnus. Berlim: Weidmann, 1914. Disponível em: <<https://archive.org/details/metamorphoseonli00oviduoft>>. Acesso em: mar. 2012.

OVÍDIO. **As Metamorfoses**. Tradução e notas de David Jardim Junior. Rio de Janeiro: Ediouro S.A., 1983.

PAES, J. P. **Ovídio**: poemas da carne e do exílio. São paulo: Companhia das Letras, 1997.

Grupos de Trabalho. **Caderno de RESUMO:s da VI Semana Acadêmica de Letras**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012, p. 28-29. Disponível em: <<http://www.semanadeletras.cce.ufsc.br/wp-content/uploads/2012/11/GT2012.pdf>>. Acesso em: ago. 2013.

SILVA, M. M. de P. e. **Artesque locumque**: espaços da narrativa no livro V das Metamorfoses de Ovídio. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000431933>>. Acesso em: mar. 2012.